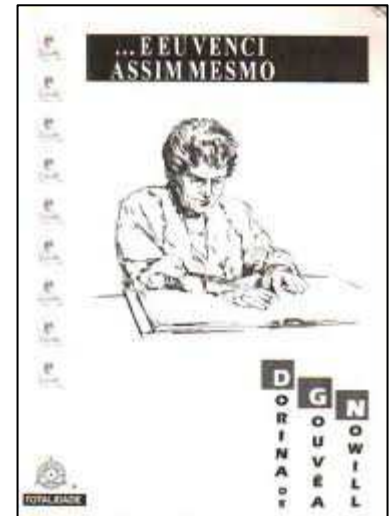


Dorothy E. Nowill

Importante: Isto não é literatura de A.A. aprovada pela Conferência. O texto “*Alcoólicos Anônimos*” foi recolhido do livro “... *E Eu Venci Assim Mesmo*” escrito por **Dorina de Gouvêa Nowill (1919-2010)**, filantropa e administradora brasileira, publicado pela Editora Totalidade, 1996, 290 páginas.



Dorina Nowill ficou cega aos 17 anos em virtude de uma infecção ocular, que ocasionou uma hemorragia. Mesmo assim, ela continuou os estudos e formou-se como professora primária. Nessa



época, livros em Braille eram raríssimos e ela teve que cursar como estudante normal. Mais tarde especializou-se nos Estados Unidos da América. Pioneira de sua época ocupou importantes cargos em organizações internacionais de cegos. Foi inclusive Presidente do “*Conselho Mundial para o Bem-Estar dos Cegos*”,

hoje “*União Mundial dos Cegos*”. Foi a idealizadora e criadora da **Fundação Dorina Nowill**, para deficientes visuais.

Casou-se com o advogado **Edward Alexander (Alex) Nowill** – irmão de Dorothy, a quem conheceu nos Estados Unidos, quando estudava na Universidade Columbia, como bolsista de uma fundação voltada para educação e reabilitação de cegos. Tornou-se mãe e avó de vários netos. Dorina foi considerada pela *Revista Época* um dos 100 brasileiros mais influentes do ano de 2009.

✓ A transcrição do texto a seguir para circulação interna na Irmandade de A.A. (*assim como as resenhas biográficas de Dorothy Nowill*), é do conhecimento da família Nowill no Brasil e foi feita com autorização de **Dorina Martha Nowill**, filha da autora e sobrinha de **Dorothy Nowill**, manifestada através de correio eletrônico postado em 23 de setembro de 2012 17:08:25 BRT, constante nos arquivos deste transcritor e posta à disposição de quem se possa interessar:

“*Eu, Dorina Martha Nowill, autorizo a utilização dos textos de minha mãe, Dorina de Gouvêa Nowill, para circulação interna na irmandade de Alcoólicos Anônimos*”.

“*Muito obrigada por esta oportunidade*”.

“*Carinhosamente*”.

A seguir a reprodução “*pelas mesmas palavras*”, das páginas 180, 181 e parte da página 182 do livro “... *E Eu Venci Assim Mesmo*” feita por um AA unicamente para membros de A.A. O texto não deverá ser reproduzido por/para outros meios externos ou alheios à Irmandade sob pena de infringir direitos adquiridos por terceiros.

Tudo de graça veio, de grata-graça está indo. Se o conteúdo lhe for proveitoso, passe adiante nesse espírito. Se não, exclua sem qualquer constrangimento. Obrigado.

A.A. - ALCOÓLICOS ANÔNIMOS

ORAÇÃO DA SERENIDADE

Dai-nos forças, Senhor para aceitar /com serenidade tudo o que /não possa ser mudado. /Dai-nos coragem /para mudar o que pode /e deve ser mudado. /E dai-nos sabedoria /para distinguir /uma coisa da outra. Almirante Hart.



Dorothy Nowill

Dollie (*Dorothy*), minha cunhada (*a fotografia á esquerda não faz parte do texto*), foi uma mulher impressionante. Quando a conheci, ela estava se casando novamente. Numa vida bastante agitada, chegou a ser secretária da UNESCO numa conferência no México. Falava muito bem inglês, francês e português; de vez em quando tinha um pouco de sotaque, porque em toda sua meninice falou inglês e no Colégio Sion só falava francês. Foi uma vida truncada pela morte do pai, porque ela teve de deixar uma vida de menina, criada no Colégio Sion, no início de sua mocidade e precisou trabalhar.

Não foi feliz em seus casamentos. Através de seu trabalho mantinha contatos com estrangeiros. Quando eu me casei ela já era alcoólatra. Eu me preocupava muito quando ela vinha para São Paulo, pois um pouco que bebesse, já ficava transtornada. Eu me assustava muito, mas procurava ajuda-la. Alex sempre adorou a irmã, brigava muito com Dollie, mas gostava demais dela. Eles eram no fundo dois irmãos muito amigos. Ele sempre procurou fazer o possível para que Dollie desistisse da bebida. Mrs. Nowill, minha sogra, sofria brutalmente, mas se ela tentasse fazer alguma coisa, Dollie ficava indignada. Muitas vezes acusava a mãe pelos seus problemas.

Dollie e Alex sempre trabalharam para ajudar o sustento de sua mãe. Eles realmente foram duas pessoas que tiveram consciência e, dentro do possível procuraram oferecer conforto a Mrs. Nowill.

Os amigos de Dollie e alguns de seus conhecidos haviam entrado para um grupo de Alcoólicos Anônimos no Rio de Janeiro. Um dia Dollie sentiu-se mal e eles a levaram para casa. Depois foram visita-la, trataram dela. Foi um tratamento de choque e ai ficaram amparando, se revezando e interessando Dollie pelo movimento dos Alcoólicos Anônimos. Foi uma ressurreição, Dollie motivou-se, assumiu tudo que se relacionava com o programa. Procurou estudar o assunto. Foi ao Canadá e EUA para participar de simpósios e conhecer os criadores do movimento mundial. Dedicou-se de corpo e alma. Nunca mais provou uma gota de álcool.

Hoje as coisas se explicam através de enzimas. Segundo Dollie, “Alcoólatra morre alcoólatra, mesmo que ele não beba mais”. Foi o que aconteceu com ela. Ela ajudou no desenvolvimento de todo esse trabalho no Rio de Janeiro e numa ocasião, veio a São Paulo, onde o movimento era incipiente. Com alguns colaboradores, começou a visitar pessoas alcoólatras, casos graves. O alcoólatra só deixa de beber se ele aceitar o seu envolvimento e Dollie contava todo o processo de aceitação pelo qual ela teve de passar. Ela sempre disse que foi através da filosofia dos Alcoólicos Anônimos que compreendeu os fatos de sua vida, o relacionamento com sua mãe. Nesse dia compreendeu o quanto a sua mãe a queria e passou a usufruir desta coisa maravilhosa que é o amor da filha pela mãe. Ela tinha uma bonita imagem do pai.

Dollie era uma moça muito bonita, era uma loira platinum blond natural. Não precisava tingir o cabelo; tinha uns olhos azuis magníficos. O dia em que ela entendeu o quanto amava sua mãe, aceitou-a com os problemas e com os defeitos que todos nós temos, ai ela foi feliz e fez sua mãe feliz, Graças a Deus! Antes de minha sogra morrer, ela teve essa imensa felicidade de ver Dollie absolutamente realizada, trabalhando para os Alcoólicos Anônimos. O trabalho dos Alcoólicos Anônimos é voluntário e absolutamente anônimo. Dão entrevistas no rádio e na televisão sem aparecer. Não existe dinheiro envolvido nesse trabalho. É de apóio mútuo. Uma coisa maravilhosa.

Dollie foi uma grande mulher. O trabalho que ela fez para os Alcoólicos Anônimos foi visto em seu enterro, nas homenagens póstumas que lhe foram prestadas. Deixou-me uma caixa com dezenas de medalhas, de cada ano que vencia mais um ano sem beber. Não recaiu, ela foi extraordinária. Quase no fim de sua vida, tinha feito uma operação no pulmão, e ainda assim fumava bastante. Tinha enfisema e sua morte foi devido a esse problema. Mas numa determinada época em que ela havia piorado muito, o médico pediu-lhe que ela deixasse de fumar. Ela internou-se na Beneficência Portuguesa no Rio de Janeiro, passou alguns dias, acabou vencendo e nunca mais fumou. Venceu-se a si própria. Mesmo quando sua saúde estava muito abalada, ainda teve forças para vencer e para ajudar muita gente. Quero que esta passagem fique para meus netos, porque meus filhos acompanharam a vida da tia Dollie a quem eles quiseram muito bem, ficavam com ela no Rio, iam com ela no sítio, faziam mil diabruras no sítio de Cabo Frio, mas sabem a mulher de valor que ela foi. Jamais escondemos deles esses fatos para que soubessem seu valor.

<=Fim da transcrição.

PARA SABER MAIS:

A história que segue é a transcrição adaptada (*) de uma carta escrita por *Donald M. Lazo*, aos companheiros e seus amigos *Ércio B.*, e *Eloy T.*, datada em 22 de março de **1993**, na qual descreve os acontecimentos que culminaram na fundação do *Grupo Sapiens*, considerado o primeiro Grupo de A.A. no Estado de São Paulo.

Início da transcrição =>Na segunda semana de março de **1965** veio a São Paulo a empresária residente e estabelecida no Rio de Janeiro e AA **Dorothy Nowill (1914-1990)** brasileira filha de ingleses, para visita de rotina à filial de sua agência de empregos na capital paulista, a ACE. À época tinha 49 anos e, grande divulgadora de A.A., onde tinha ingressado em **1961**, mantinha em sua agenda uma extensa lista de amigos religiosos, médicos, e pessoas interessadas no problema do alcoolismo, a quem avisava de sua chegada, e serviam-lhe de contato para levar a mensagem da Irmandade.



Dorothy Nowill



Donald. M. Lazo

A pedido de um desses amigos, o padre **Richard Sullivan**, Dorothy foi visitar o publicitário americano **Donald M. Lazo (1928-2001)**, internado no Hospital Samaritano no dia 18 desse mês, em consequência de mais uma série de bebedeiras e lá ficou por cinco dias. Nesse tempo começou a ler o ‘Big Book’ (original, em inglês), que o padre Sullivan tinha-lhe emprestado – nunca devolvido, e mais tarde traduzido por ele próprio para o português.

Três dias após sair do hospital, assistiu à primeira reunião de divulgação de A.A., organizada por Dorothy na capela dos Redentoristas, à Alameda Franca, 889.

Houve uma segunda reunião no bairro de Santa Cecília para a qual Dorothy convidou Harold, então morando na Capital e que viria ser o padrinho de Donald. Após estas experiências e as conversas com Dorothy, Donald aceitou a sugestão de abrirem um Grupo de A.A. na cidade. Ela apresentou-o à madre Cristina, diretora do Instituto “Sedes Sapientiae” (atualmente -2012, um departamento da PUC), situado na Rua Caio Prado, 102, na Consolação, que lhes cedeu uma sala dentro do prédio e nela deu início no dia **9 de abril de 1965**, nos moldes de A.A. do Rio, o **Grupo Sapiens** co-fundado por Donald – então com 21 dias de abstinência contando os cinco de hospitalização - e Dorothy, considerado oficialmente o primeiro Grupo de A.A. em língua portuguesa no Estado de São Paulo.

Na última semana de sua visita à cidade, Dorothy levou Donald às dependências dos ‘Diários de S. Paulo’, onde pediu à redação para fazer um artigo sobre alcoolismo. A direção indicou um jornalista a quem Dorothy contou sua história. No fim do artigo, publicado vários dias depois, constava o fato de “estar-se realizando reuniões de Alcoólicos Anônimos em São Paulo, à Rua Caio Prado, 102, todos os domingos das 10:00 horas às 12:00 horas”.

Nos próximos meses passaram poucas pessoas pela sala; uma delas, **Leila**, veio a ser a segunda pessoa de São Paulo a afiliar-se à Irmandade (a primeira foi Donald). Num dia do mês de julho, quatro meses após a fundação do Grupo chegou à sala **Melinho**, membro da Associação Antialcoólica desde janeiro de **1957**. Fazia tempo que tinha ouvido falar e se

interessado pela Irmandade. Convidado por Donald, ingressou em A.A. e, a partir daquele dia passou a fazer suas conhecidas abordagens, não só para a Associação Antialcoólica - à qual ainda continuou afiliado por aproximadamente mais dois anos - mas também para Alcoólicos Anônimos, trazendo inclusive companheiros da Associação para a Irmandade.

<= **Fim da transcrição.**

(*) Para esta adaptação livre, o transcritor recolheu dados, entre outras fontes, numa fotocópia da carta original cedida a ele por pessoa autorizada a fazê-lo. As cópias originais encontram-se com os destinatários e nos arquivos pessoais da viúva de Donald, Sonia M^a, que disponibilizou a reprodução. Esta adaptação - embora fiel às informações nela contidas, para manter a devida discricção por ainda não ser considerada versão oficial, não apresenta o texto da carta na sua integralidade.

Luiz M. (1929-1992), em sua história (autorizada) *“Origens de A.A. no Brasil”* (**)- coletânea que abrange o período entre os anos **1945** e **1992**, ano da sua morte, conta que em **1962 Raimundo R.** foi eleito Secretário-geral de A.A. no Rio de Janeiro e *“...Das variadas realizações de Raymundo R., apenas uma criou sérios e divergentes problemas no A.A. brasileiro - a criação das **fichas de ouro** para homenagear os companheiros quando completassem dez anos de sobriedade e participação; uns alertaram para o fato de que, sendo o A.A. uma irmandade calcada na espiritualidade, o ouro, como o mais completo símbolo do poder material, seria um símbolo inadequado em nosso meio; outros alegavam que, sendo o A.A. uma Irmandade pobre e que assim devia permanecer, como poderia oferecer fichas de ouro e, finalmente, havia os que argumentavam que, naquele momento ou nos imediatos anos seguintes, seria fácil brindar os poucos companheiros que estavam ou estariam completando dez anos, mas, mais adiante, esse número de companheiros iria crescendo e, os grupos, não tendo condições para adquirir essas fichas de ouro, criariam dentro de A.A. duas castas: a dos que tinham fichas de ouro, e a dos que não podiam ter. De qualquer forma, a ficha foi introduzida no A.A. e, atualmente, muitos são os companheiros que completaram os seus dez anos e não receberam a ficha de ouro”*.

Entre os membros que receberam essa ficha estava Dorothy. A esse respeito Eloy T., que ingressou em A.A. em **1970**, conta, *“... Conheci a Dorina Nowill. Dorothy deve ter entrado para AA em **1960**, porque, em **1970** os companheiros do Rio pretendiam dar a ela uma ficha de ouro. Temendo que a surpresa fosse quebrada, encomendaram a ficha à Dorina. Eu fui o encarregado de ir à casa da Dorina, nos Jardins (São Paulo-Capital), buscar a ficha encomendada. Recebi a ficha e querendo saber o custo para providenciar o pagamento, ela se recusou receber qualquer reembolso. Conversamos por uma meia hora. Lembro-me do hall de entrada da casa, casa térrea e de muito bom gosto. Dorina ainda enxergava um pouco, podia andar pela casa e me olhava bem nos olhos como querendo distinguir minha fisionomia. Agora me lembro, devia ser **1971** porque eu já conhecia Dorothy, logo ela teria chegado em **1961** e completaria 10 anos em **1971**. Conheci Dorothy no Grupo IV Centenário, em Botafogo, onde fui a uma reunião com Roy Pepperell,*

especialmente para conhecê-la. Ficamos muito amigos em decorrência da minha amizade com Donald, é claro”.

Eloy T. também lembra em seus registros que Dorothy foi a primeira AA brasileira a participar de uma Convenção Internacional, a de Toronto, Canadá, em **1965** (*fato este também registrado por Luiz M.*), e que participou, na companhia de Donald M. da Convenção Internacional de Miami, Flórida, em **1970**, a última que **Bill W. (1895-1971)**, compareceu.

(**) Maiores informações a respeito desta coletânea podem ser obtidas no Grupo de origem de Luiz M., o *Grupo Central do Brasil de A. A.* Rua Prof. Clementino Fraga Filho, nº 22 (Igreja de Santana - Reuniões 3ª e 6ª feiras). Caixa Postal: 16.070 CEP: 20.221, Rio – RJ. A história foi redigitada por *Ricardo Gorobo - Gr. Paquetá*

RESENHAS BORÁFICAS:

A família Nowill. O patriarca, **Hubert Jessop Nowill** e sua esposa **Marie Martha Nowill** vieram para o Brasil em **1914** provenientes da Cidade de *Sheffield*, no condado de South Yorkshire, norte da Inglaterra. Ele veio como vice-presidente da companhia canadense **Light and Power Company**.

O casal teve três filhos: **Alexander** (ainda vivo em **2012**) - nasceu no Rio de Janeiro, **Dorothy Elizabeth** – nasceu em Belém do Pará no dia 13 de julho de **1914**, e **Hubert**, que nasceu em Pernambuco. Todos estudaram em bons colégios. Em função do trabalho de Hubert a família viajava muito e também costumava ir duas vezes por ano ao País de Gales. O patriarca Hubert morreu jovem.

Dorothy estudou no Colégio Sion, no Cosme Velho – Rio de Janeiro e precisou deixar o colégio após a morte do pai. Formou-se em Administração e logo após fundou uma Agencia de Empregos nessa Cidade, a ACES, com uma filial em São Paulo. Casou-se duas vezes: com um sueco e com um português e posteriormente teve outros relacionamentos, mas não teve filhos.

Ela começou a beber na adolescência e logo se tornou dependente do álcool o que causava muitas desavenças e dissabores entre ela e a mãe e os irmãos, principalmente com Alexander, a quem era muito chegada, marido de Dorina de Gouvêia; Dorina e Dorothy, além de cunhadas vieram se tornar grandes amigas e em seu livro “... **E Eu Venci Assim Mesmo**” - Editora Totalidade, **1996**, 290 páginas, dedica um capítulo a Alcoólicos Anônimos, onde trata a Irmandade com muito carinho e gratidão pelo que fez, não somente por Dorothy, mas pelas pessoas envolvidas na malha do alcoolismo e que venham procurá-la e deixa uma mensagem de respeito pela Irmandade a seus netos e a todas as pessoas que lerem seu livro.

Dorothy ingressou no *Grupo IV Centenário de A.A.*, no bairro de Botafogo, Rio de Janeiro, em **1961**. Fumante inveterada morreu naquela Cidade em 06/01/**1990**, em decorrência de enfisema pulmonar.